

# Intervenção social em casas de acolhimento residencial em tempos de pandemia

## Social intervention in residential care homes in times of pandemic

Laura Barata da Silva<sup>1</sup>  
Fátima Gameiro<sup>2</sup>

---

### Resumo

A pandemia COVID-19 originou desafios na intervenção social. Este estudo procurou investigar, em época de pandemia, os desafios impostos na dinâmica de Casas de Acolhimento Residencial (CAR). A amostra inclui 27 elementos: duas diretoras técnicas, duas assistentes sociais, duas psicólogas, quatro educadores de infância e dezassete auxiliares de educação. Através da metodologia qualitativa, com as técnicas da entrevista semiestruturada e da análise de conteúdo, constatou-se que o maior desafio que se coloca refere-se a gestão das crianças no espaço da CAR. Ao nível da dinâmica de funcionamento das crianças verificou-se maior instabilidade. A higienização e o uso da tecnologia destacaram-se nas práticas utilizadas na CAR.

**Palavras-chave:** crianças e jovens; acolhimento residencial, intervenção social, pandemia COVID-19.

### Abstract

The COVID-19 pandemic brought issues that challenged social intervention. This study aimed to investigate the challenges imposed on the dynamics of Residential Care Homes (RCH) during the pandemic. The sample included 27 participants: two technical directors, two social workers, two psychologists, four kindergarten teachers, and seventeen education assistants. Through the qualitative methodology, with the techniques of semi-structured interviews and content analysis, it was found that the biggest challenge is the management of children in the CAR space. At the level of the children's functioning dynamics, there was greater instability. Sanitization and the use of technology stood out in the practices used in the RCH.

**Keywords:** children and young people; residential care; social intervention; pandemic COVID-19.

---

### Introdução

Com o surgimento da pandemia por COVID-19, verificou-se a existência de uma realidade incerta, que originou diversas mudanças, adaptações e reformulações e as Casas de Acolhimento Residencial (CAR) não foram exceção. A literatura tem vindo a comprovar que foram diversos os constrangimentos que advieram com a pandemia em inúmeros parâmetros, nomeadamente o das relações sociais, com forte impacto nas crianças e jovens, em consequência da suspensão dos espaços sociais, tais como escolas,

---

<sup>1</sup> Assistente Social. Licenciada em Serviço Social pelo Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona (ISS/UL). Mestre em Serviço Social: Gestão de Unidades Sociais e de Bem-Estar. Técnica de Serviço Social no CVI – CAVI Lisboa | [laura\\_bs4@hotmail.com](mailto:laura_bs4@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora Auxiliar na Universidade Lusófona de Lisboa (ISS/UL). Investigadora do Centro de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social (CISIS) | [fatima.gameiro@ulusofona.pt](mailto:fatima.gameiro@ulusofona.pt)

teatros, museus, cinemas (Abreu, 2021). Considerou-se, neste seguimento, importante conduzir o enfoque para esta área, uma vez que todos os desafios que advieram com a pandemia implicaram uma maior exigência na consonância da prática profissional com os direitos das crianças, bem como, com o seu superior interesse. O presente estudo centra-se na questão de partida: ‘Com o surgimento da pandemia por COVID-19, quais foram os desafios que as CAR tiveram de enfrentar?’. Mais concretamente, avaliar se a pandemia promoveu alterações ao nível do funcionamento biopsicossocial das crianças e das práticas de intervenção.

O estudo revela-se importante uma vez que existe escassez de literatura no que se refere à relação da área das crianças em perigo, com um tema que foi e continua a ser tão atual, a pandemia COVID-19. A metodologia de investigação utilizada foi a qualitativa, que se sustentou na entrevista semiestruturada e na análise de conteúdo. Foram definidos como objetivos, identificar, na perceção dos técnicos e dos cuidadores, os principais desafios impostos pela pandemia COVID-19 na dinâmica das CAR; as principais alterações ao nível do funcionamento biopsicossocial das crianças em acolhimento residencial e; identificar as novas formas de intervenção que surgiram, a nível individual, de grupo e contextual, junto das crianças a residir em CAR.

## **I. Desenvolvimento da conceção da infância e evolução do sistema de promoção e proteção de crianças e jovens em perigo em Portugal**

Atualmente tem-se verificado um maior enfoque para as questões associadas à infância, que para além de ser considerada como uma condição biológica, tem adquirido cada vez mais um estatuto social (Rodrigues, 2018). É com estes acontecimentos progressistas que se insere o sistema de promoção e proteção de crianças e jovens, que é relativamente recente no tempo (Carlos, 2020). A Declaração dos Direitos da Criança em Genebra (1923), a Criação do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 1946), a Declaração dos Direitos da Criança (1959), a Organização Tutelar de Menores (1978) e a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP, 1999) são alguns dos marcos históricos que se revelaram fundamentais para o atual entendimento da infância (Lopes, 2017).

Em simultâneo, também a missão e a visão do acolhimento residencial têm vindo a ser alvo de investimento em Portugal. O acolhimento residencial é uma das medidas de proteção previstas na LPCJP, que envolve a integração de crianças e jovens em CAR, quando a sua segurança e bem-estar se encontram em risco. Uma das finalidades do

acolhimento residencial é proporcionar um ambiente seguro e familiar, onde as crianças possam crescer e desenvolver-se, longe dos fatores de risco que as colocam em perigo (Almeida et al., 2021). O objetivo é, sempre que possível, reintegrar a criança na sua família biológica. No entanto, a reintegração familiar nem sempre é viável e, nesses casos, o sistema de promoção e proteção de crianças e jovens procura soluções alternativas. Para que este tema não fique desatualizado, nem comprometa os direitos e o superior interesse da criança, tem sido elementar as diversas revisões e alterações realizadas à LPCJP (Aprovada pela Lei n.º 147/99 de 1 de setembro, e posteriormente alterada pela Lei n.º 31/2003 de 22 de agosto, Lei n.º 142/2015 de 08 de setembro, Lei n.º 23/2017 de 23 de maio e Lei n.º 26/2018 de 05 de julho).

A presente lei contempla a Convenção dos Direitos da Criança (CDC) quando salienta que para a criança e jovem se desenvolverem de forma plena e integral, é imprescindível terem como garantidos os seus direitos, nomeadamente os seus direitos sociais, económicos, civis e culturais, devendo olhar-se para a criança e jovem como um ser único, um ser de direitos (Almeida et al., 2021). Deste modo, é imprescindível uma intervenção que seja orientada de acordo com a promoção dos direitos e proteção da criança e jovem em perigo. Garantir estes direitos revela-se de fulcral importância, já que na sociedade atual os contextos de risco e perigo para as crianças e jovens assumem um caráter relevante. Em Portugal, de acordo com o relatório anual de 2021 da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2022), 1959 crianças foram vítimas de violência (38 por semana, 5 por dia). Tendo em consideração o Relatório de Avaliação das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (CPCJ) de 2021 (Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens/CNPDPCJ, 2022) existem 73 241 processos de promoção e proteção, sendo que 69 727 crianças e jovens beneficiaram de intervenção pelas CPCJ e destas, 29 006 beneficiaram de medidas aplicadas ou em execução (45% raparigas e 55% rapazes), tendo sido aplicada a medida de Acolhimento Residencial após acordo de promoção e proteção (conforme previsto na Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro) a 7,6% das crianças/jovens avaliadas. Segundo a mesma fonte (idem, ibidem), as principais situações de perigo na infância e juventude comunicadas à CPCJ, em 2021, estiveram associadas sobretudo à negligência (31%), violência doméstica (26,5%), direito à educação (19,9%) e a comportamentos de perigo na infância e juventude (em que estes, de forma grave e continuada, tendem a comportar-se de maneira a prejudicar a sua integridade física e/ou psicológica ou de outras pessoas) (16,1%). De acordo com o Relatório CASA de 2021 do Instituto de Segurança Social (ISS, 2022),

a 1 de novembro de 2021, existiam 6369 crianças e jovens em acolhimento nas 357 casas de acolhimento residencial existentes em Portugal.

## **2. Intervenção social com crianças e jovens em acolhimento residencial em tempos de pandemia**

A pandemia desencadeou a necessidade de novas medidas a nível mundial e isso afetou o funcionamento de instituições públicas e privadas, incluindo as CAR (Perquillhas, 2020). Originou períodos de confinamento e desconfinamento e afetou todos os setores da sociedade (Francisco et al., 2020). Foram (re)consideradas práticas profissionais em conformidade com a lei em vigor e definidas medidas obrigatórias a serem implementadas em toda a comunidade. De acordo com Cardoso et al. (2020), houve dificuldades na prática profissional na dinâmica da CAR, com todas as adaptações e reformulações decorrentes da pandemia, especialmente em relação ao acesso a equipamentos de proteção, a falta de recursos humanos e as dificuldades de articulação com os serviços. Também, de acordo com o mesmo autor, verificou-se que as restrições e medidas adotadas, afetaram a relação entre os técnicos e as famílias, decorrentes da necessidade do distanciamento físico e da ausência/diminuição da regularidade dos contactos presenciais. Para combater essas dificuldades, houve uma reorganização das equipas, reforço das orientações da Direção Geral de Saúde (DGS) e utilização de novas tecnologias (ISS, 2022).

Na dinâmica organizacional das crianças, a pandemia, com todas as restrições - ao nível das atividades onde as crianças se encontravam integradas, na proibição das saídas de casa das crianças e jovens acolhidos, nas visitas de familiares e amigos que foram suspensas num primeiro período, nas atividades letivas e não letivas presenciais que ficaram igualmente inibidas, na restrição do convívio com amigos – contribuiu para a existência de alterações ao nível comportamental e emocional, traduzindo-se em ansiedade, agitação, agressividade e medo (Bernardi, 2020). Perante esta nova realidade, tornou-se fundamental observar o comportamento e os sentimentos das crianças e jovens para adequar a melhor resposta às suas necessidades. Foi intensificada a utilização de novas tecnologias para manterem o contacto com a família e os amigos e desenvolvidas atividades lúdicas, artísticas, desportivas, de desenho e pintura e recriaram-se cenários como o cinema para os manter entretidos (Silva et al., 2021).

## **3. Metodologia**

A partir dos objetivos a metodologia selecionada foi a qualitativa, uma vez que foi utilizada como técnica de recolha de dados, a entrevista. Para o guião foram consideradas como variáveis dependentes, os desafios impostos à dinâmica das CAR; as alterações ao nível das necessidades das crianças; e as formas de intervenção, a nível individual, de grupo e contextual, junto das crianças a residir em CAR, sendo a variável independente a pandemia por COVID-19, uma vez que influenciou e controlou as variáveis dependentes. O guião da entrevista integrou os dados sociodemográficos e quatro domínios. O primeiro foi constituído por uma questão que pretendia conhecer os maiores desafios vivenciados pelos colaboradores no decorrer da pandemia em relação à dinâmica da CA. O segundo domínio foi constituído por cinco questões, onde se pretendia identificar as principais alterações no decorrer da pandemia em relação a cinco necessidades (higienização do sono; dieta alimentar; forma como as crianças e jovens se sentiam e se comportavam; se comportavam com as outras crianças e com os adultos). O terceiro domínio incluiu quatro questões relativas às práticas de intervenção/respostas que tiveram de ser desenvolvidas junto das crianças e jovens, a nível individual e na CAR. Por último, o quarto domínio, constituído por nove questões, pretendeu conhecer as novas práticas de intervenção/respostas inovadoras que tiveram de ser desenvolvidas (áreas da justiça; intervenção social, saúde, educação, cidadania, atividades extracurriculares, atividades de lazer, relações com pares da comunidade, com a família, voluntários e outros domínios).

Foram recolhidos os consentimentos informados e elaboradas as entrevistas entre janeiro e março de 2022 nas salas de visitas das CAR. O tempo médio de cada entrevista foi de 40 minutos e as mesmas foram, após consentimento, gravadas. Na análise, as respostas foram organizadas por categorias e subcategorias em função dos objetivos previamente definidos e foi efetuada a análise de conteúdo.

Para a constituição da amostra foi considerado como critério de inclusão a variável tempo de serviço na casa de acolhimento, ou seja, os colaboradores integrantes no estudo tinham de trabalhar na CAR há pelo menos 2 anos, para terem uma visão comparativa entre o antes e o durante a pandemia COVID-19. A amostra foi constituída por 27 colaboradores de duas CAR, incluindo colaboradores das equipas técnica e educativa, mais concretamente, dois diretores técnicos, dois assistentes sociais, dois psicólogos, quatro educadores de infância e 17 auxiliares de educação. As idades dos indivíduos encontram-se compreendidas entre os 27 e os 59 anos, 88,9% (n=24) são do género feminino e 11,1% (n=3) masculino. Ao nível da prática profissional, 18 indivíduos encontram-se na área de

intervenção entre os 5 e 10 anos (66,7%), seis entre os 10 e 15 anos (22,2%) e três entre os 15 e os 20 anos (11,1%).

## 4. Resultados

### 4.1. Desafios impostos pela pandemia COVID-19 na dinâmica de CAR

Foram reconhecidos 43 desafios, sendo que alguns dos participantes identificaram mais do que um desafio. Nesta identificação, os desafios que mais sobressaíram foram os apresentados na Tabela 1:

**Tabela 1. Principais desafios impostos pela pandemia COVID-19 na dinâmica de CAR**

<b>Principais Desafios</b>	<b>N.º</b>
Dificuldade em manter as crianças restritas ao espaço da CAR	8
Dificuldades na gestão das situações de isolamento	5
Dificuldades na manutenção da dinâmica da equipa (ex., alteração ao nível do funcionamento dos turnos, realização de turnos de continuidade)	5
Dificuldades na interação devido ao uso das máscaras	5
Necessidade de adaptação constante face à realidade e ao contexto	5
Redução da equipa por situação de COVID-19	3
Existência de ansiedade por parte dos elementos da equipa	3

Nota: N.º - número de participantes que identificaram o desafio

Fonte: Elaborado pela autora

Outro dos desafios identificados por alguns dos participantes foram as dificuldades de gestão das aulas *online*, o que levou a um manancial de articulações acrescidas com as instituições de ensino e com as autarquias. Também alguns dos participantes referiram dificuldades na articulação com outros serviços, tais como, nas áreas da saúde e do ensino. A cessação das visitas dos familiares das crianças acolhidas e as dificuldades de aproximação às famílias, mais concretamente na participação desta nas rotinas das crianças e no seu acompanhamento a consultas médicas, foram desafios, igualmente, identificados por alguns dos participantes. Destaca-se, ainda, as dificuldades para lidar com alterações emocionais das crianças como desafios que foram verbalizados por alguns dos participantes no estudo. Efetivamente, o desconhecimento por parte dos adultos potenciou a ansiedade na gestão dos seus próprios pensamentos e emoções e por inerência na leitura e contenção dos pensamentos e emoções das próprias crianças.

#### **4.2. Alterações ao nível do funcionamento biopsicossocial das crianças em acolhimento residencial em tempos de pandemia COVID-19**

Através das respostas dos entrevistados categorizou-se cinco alterações: higienização do sono, dieta alimentar, forma como as crianças se sentiam e comportavam, forma como se comportavam com as outras crianças e com os adultos.

Ao nível da higienização do sono e da dieta alimentar, a maioria dos participantes não identificou alterações na dinâmica de funcionamento das crianças. Já na forma como se sentiam e comportavam, a maioria dos participantes mencionou a existência de maior instabilidade, traduzida em mais impulsividade, birras, chamadas de atenção, explosões de raiva, agitação/ inquietação, irritabilidade/ ansiedade e manifestação de comportamentos que traduziam a existência do sentimento de frustração. Na forma como se comportavam com as outras crianças, os participantes verbalizaram maioritariamente o aumento da intolerância e de conflitos entre os pares e maior agitação e instabilidade. Na relação com os adultos, a resposta que mais se destacou foi a existência de uma maior aproximação/vínculo à figura do adulto, contudo também foi verbalizado um aumento de agitação e de conflito, revelando-se as crianças mais reativas e conflituosas.

#### **4.3. Novas formas de intervenção que surgiram, a nível individual, de grupo e contextual, junto das crianças a residir em CAR**

A atividade que predominou junto das crianças, a nível individual, foi a existência de um maior cuidado relativo às rotinas de higienização, nomeadamente, tirar os sapatos à entrada, desinfetar as mãos e tomar banho após as saídas ao exterior. Foi também verbalizado a necessidade de promoção de mais momentos de partilha individualizada (conterção de angústias, receios, necessidade de desmontar falsas crenças), o acompanhamento mais personalizado na área da educação e a adoção de videochamadas com as famílias.

A nível grupal foi identificada a necessidade de existência de procedimentos de isolamento. Também foi verbalizada a leitura de histórias à noite e a dinamização de jogos didáticos.

A nível contextual, as práticas adotadas podem ser consultadas na Tabela 2.

**Tabela 2. Novas formas de intervenção que surgiram a nível contextual**

<b>A nível contextual</b>	<b>Práticas Adotadas</b>
Tribunal e Equipas (EAF, CAFAP, EMAT,	. Teletrabalho . Recorrência a plataformas digitais

EATTL, MDV e APAV)	
Saúde	. Articulação com a farmácia local para a realização de testes nas instalações da CAR . Consultas via telefone (voz e videochamada)
Educação	. Articulação mais próxima com os agrupamentos escolares . Maior individualidade no acompanhamento às crianças na CAR . Maior envolvimento escolar por parte dos cuidadores da CAR e das crianças
Atividades Extras Curriculares e de Lazer	. Assistir a filmes na CAR . Realizar sessões de teatro, ginástica e dança
Relação com os Familiares	. Chamadas telefónicas e videochamadas . Definição de protocolos de segurança das visitas (medição de temperatura, apresentação de teste negativo à COVID-19) . Visitas no exterior da CAR . Redução do tempo das visitas

Fonte:Elaboração própria

### Considerações finais

No que diz respeito aos desafios impostos pela pandemia COVID-19 na dinâmica de CAR, o desafio mais identificado pelos participantes foi a dificuldade em manter as crianças restritas ao espaço da CAR, bem como a maior agitação e instabilidade sentida nas crianças.

Quanto às alterações ao nível do funcionamento biopsicossocial das crianças, identificaram maior instabilidade, traduzida em impulsividade, birras, chamadas de atenção, explosões de raiva, agitação/ inquietação, irritabilidade/ ansiedade e manifestação de comportamentos que traduziam a existência do sentimento de frustração, aspetos estes, que advieram de todas as mudanças que tiveram que ser impostas no dia-a-dia das crianças, o que implicou imprevisibilidade e, conseqüentemente, destabilizou as crianças. Na forma como se comportavam com as outras crianças, os participantes verbalizaram maioritariamente o aumento da intolerância e de conflitos entre os pares e maior agitação e instabilidade, o que pode ser explicado através do contexto tão restrito a que estavam sujeitas, tanto a nível de espaço, como a nível de pares. No que concerne à relação com os adultos, foi verbalizada a existência de uma maior aproximação/vínculo à figura do adulto em concomitância com manifestações comportamentais mais reativas e conflituosas, o que pode estar relacionado com uma maior necessidade de proteção



perante uma realidade tão incerta e desconhecida e, ao mesmo tempo, a uma maior instabilidade emocional, uma vez que eram diversas as mudanças a ocorrer neste período de incerteza constante mediatizada e partilhada por toda a população.

No que concerne às práticas de intervenção junto das crianças, verificou-se que as mais utilizadas foram ao nível individual o maior cuidado ao nível das rotinas de higienização e ao nível grupal a existência de procedimentos de isolamento, note-se que este não corresponde ao maior desafio identificado dando, assim, resposta a desafios distintos. Foi, também, verbalizada a necessidade de promoção de mais momentos de partilha individualizada, a adoção de videochamadas com as famílias e o acompanhamento mais individualizado na área da educação, com a finalidade de tentar manter dinâmicas saudáveis e imprescindíveis ao crescimento e desenvolvimento das crianças. Esta realidade partilhada parece manifestar que, apesar de toda a incerteza vivenciada neste período, a necessidade de garantir o equilíbrio psicológico, relacional e social das crianças continuou a ser a prioridade destes colaboradores das equipas técnica e educativa.

A nível contextual, na articulação com o tribunal e as equipas, os participantes identificaram o recurso ao teletrabalho e a plataformas digitais para, de forma segura, conseguir avançar com o trabalho e projetos de vida das crianças. Na área da saúde, a articulação com a farmácia local e a efetivação de consultas via telefone foi fundamental para um acompanhamento regular. No âmbito da educação foi fundamental a existência de uma articulação mais próxima com os agrupamentos escolares, maior individualização no acompanhamento às crianças na CAR e maior envolvimento escolar por parte dos cuidadores da CAR e das crianças, para as crianças não ficarem prejudicadas nesta área e poderem continuar a progredir no seu processo de aprendizagem. No que se refere às atividades extracurriculares e de lazer, os participantes referiram como práticas a visualização de filmes na CAR, as sessões de teatro, ginástica e dança. Práticas utilizadas como estratégia para colmatar a interdição às atividades extracurriculares e para promover a criatividade, espaços e momentos de apelo ao lúdico, à fantasia e à expressão do corpo, permitindo as crianças desvincular da realidade tão incerta e angustiante que estava a ser vivenciada pela sociedade. Na relação com os familiares, em período de confinamento, os participantes identificaram as chamadas telefónicas e as videochamadas como as práticas mais recorrentes, para que, as crianças pudessem manter o contacto com os seus familiares, ter acesso à sua continuidade proximal, afetiva e relacional, sem serem expostas a um risco de contágio.

No que concerne às limitações do estudo, tendo em consideração que este foi promovido num período de grande instabilidade, a perceção dos resultados relativos às alterações ao nível do funcionamento biopsicossocial das crianças podem ter sido influenciados pela própria dinâmica de funcionamento dos participantes.

De acordo com um estudo promovido por Gameiro et al. (2023), há uma necessidade urgente de desenvolver estratégias para melhorar a resiliência adaptativa, especialmente as competências de autogestão e de motivação, que permitirão aos indivíduos alcançar uma perceção positiva da qualidade de vida psicológica e ultrapassar eficazmente circunstâncias de vida stressantes, como foi o caso da pandemia por COVID-19 e como poderá ser o caso, a qualquer momento, de uma nova catástrofe. Logo, para estudos futuros, sugere-se promover um levantamento exaustivo e adaptado relativo a atividades a desenvolver com as crianças no espaço da CAR que possam promover a estabilidade psicoemocional, relacional e social das crianças, aumentar a sua capacidade de tolerância à frustração e de gestão de conflitos entre os pares e promover a relação assertiva com os adultos.

### Referências Bibliográficas

Abreu, R. (2021). *Uma nova forma de viver: Como os trabalhadores e as adolescentes em acolhimento residencial se adaptaram ao confinamento, decorrente da doença COVID-19* [Master's Thesis, Instituto Politécnico de Portalegre]. Repositório Científico de Acesso Aberto a Portugal.

<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/40222/1/tese%20Rita%20Abreu%20-%20final.pdf>

Almeida, F., Fernandes, P. & Peixoto, S. (2021). *Acolhimento residencial de crianças e jovens em perigo. Conceitos, Prática e Intervenção*. Pactor.

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2022). Estatísticas APAV: Relatório anual 2021. APAV. [https://apav.pt/apav\\_v3/images/press/Relatorio\\_Anual\\_2021.pdf](https://apav.pt/apav_v3/images/press/Relatorio_Anual_2021.pdf)

Bernardi, D. (2020). *Levantamento nacional sobre os serviços de acolhimento para crianças e adolescentes em tempos de Covid-19: Apresentação dos resultados* (1 ed.). NECA: Movimento Nacional Pró-Convivência Familiar e Comunitária e Fice Brasil. [https://www.neca.org.br/wpcontent/uploads/2021/03/E-book\\_1-LevantamentoNacional.pdf](https://www.neca.org.br/wpcontent/uploads/2021/03/E-book_1-LevantamentoNacional.pdf)

Cardoso, J., Vilar, D., & Casquilho-Martins, I. (2020). *Relatório do estudo - Desafios ao serviço social no contexto da COVID-19*. Centro Lusíada de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social – CLISSIS. <https://www.afid.pt/wp-content/uploads/Relat%C3%B3rio-do-estudo-Desafios-ao-Servi%C3%A7o-Social-no-contexto-da-COVID-19.pdf>

Carlos, M. (2020). *Direitos da criança: Conceções e práticas* [Master's Thesis, Instituto Politécnico de Castelo Branco]. Repositório Instituto Politécnico de Castelo Branco. <http://hdl.handle.net/10400.11/7454>

Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens (2022). *Relatório de Avaliação da Atividade das CPCJ- 2021*. <https://www.cnpdpcj.gov.pt/relatorio-atividades>

Francisco, C., Monge, C., Bracons, M., Gracias, C., Mendes, M., Figueiredo, P., & Leal, A. (2020). *COVID-19 – Implicações na jurisdição da família e das crianças*. Centro de Estudos Judiciários. <https://cej.justica.gov.pt/LinkClick.aspx?fileticket=ijeNj13PzYM%3d&porta%20lid=30>

Gameiro, F., Ferreira, P., & Faria, M. (2023). Association between social and emotional competencies and quality of life in the context of war, pandemic and climate change. *Behavioral Sciences*, 13, 249. <https://doi.org/10.3390/bs13030249>

Instituto de Segurança Social (2022). *Relatório CASA 2021*. ISS. [https://www.seg-social.pt/documents/10152/13200/Relat%C3%B3rio+CASA\\_2021/d6eafa7c-5fc7-43fc-bfid-4afb79ea8f30](https://www.seg-social.pt/documents/10152/13200/Relat%C3%B3rio+CASA_2021/d6eafa7c-5fc7-43fc-bfid-4afb79ea8f30)

Instituto de Segurança Social (2021). *Plano de Exceção Casas de Acolhimento*. [https://www.seg-social.pt/documents/10152/16722120/COVID+19\\_plano+de+exce%C3%A7%C3%A3o+CA+V02+I+abril.pdf/f7df0b2f-05ac-498e-b9b9-b6ce5f03ce9d](https://www.seg-social.pt/documents/10152/16722120/COVID+19_plano+de+exce%C3%A7%C3%A3o+CA+V02+I+abril.pdf/f7df0b2f-05ac-498e-b9b9-b6ce5f03ce9d)

Lopes, S. (2017). *Um novo olhar sobre o acolhimento residencial* [Master's thesis, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório Instituto Superior Miguel Torga. <http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/733>

Perquilhas, M., Gomes, E., & Vicente, M. (2020). *A psicologia da pandemia. Compreender e enfrentar a Covid-19*. Pactor

Rodrigues, S. (2018). *A qualidade do acolhimento residencial em Portugal: Avaliação da adequação dos serviços às necessidades das crianças e jovens institucionalizados* [Doctoral dissertation, Universidade do Porto]. Repositório Universidade do Porto. <https://core.ac.uk/download/pdf/210540318.pdf>

Silva, A., Danzman, P., Neis, L., Dotto, E., & Abaid, J. (2021). Efeitos da pandemia da COVID-19 e suas repercussões no desenvolvimento infantil: Uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 10(4), 2-12. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i4.14320>